

A LIBERDADE ENTRE A UTOPIA E A HISTÓRIA:

LUCE FABBRI E O ANARQUISMO NA AMÉRICA DO SUL *

MARGARETH RAGO**

Resumo

Este artigo procura focalizar, através do trabalho da memória de Luce Fabbri, antiga militante anarquista italiana, dimensões da cultura política do anarquismo, tal como se manifestam em alguns países da América do Sul, especialmente no Uruguai e Argentina. Acompanhando a trajetória de sua vida, busco recuperar a experiência feminina do Anarquismo, assim como entender os desdobramentos teóricos e políticos desta doutrina política na contemporaneidade, formulados por esta ativa militante e livre-pensadora.

Palavras-chave: Anarquismo, Memória Feminina, Liberdade, Resistência Social.

* Texto apresentado no XIX Internacional Congress of The Latin American Studies Association - LASA, realizado em 28-30 de setembro de 1995, em Washington. Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq e FAPESP, a quem sou muito grata. Este artigo foi recebido para publicação em julho de 1997.

** Professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

cadernos pagu (8/9) 1997: pp.279-317.

Introdução

Em um livro recente sobre a história da participação das mulheres nos movimentos sociais da América Latina, Jane Jaquette, organizadora da coletânea *The Women 's Movement in Latin America*, chama a atenção para o fato de que até mesmo as feministas norte-americanas, profundas conhecedoras dos trabalhos de suas congêneres canadenses e européias, tendem a ver as mulheres latino-americanas e as do Terceiro Mundo, em geral, como "vítimas da opressão mais do que como criadoras de teoria feminista ou agentes de mudança".¹

Na verdade, a produção acadêmica feminista apenas recentemente começa a questionar as categorias através das quais tem recuperado a história da presença das mulheres na construção da esfera pública.² Procura, então, questionar as imagens produzidas pela narrativa da História e reler o passado, tendo em vista não apenas resgatar a presença feminina nos inúmeros momentos da ação social, mas também e sobretudo redefinir as configurações discursivas através das quais construímos a memória, privilegiando ou esquecendo determinadas áreas e questões.³ Na direção destas preocupações, o presente trabalho procura trazer à luz a experiência política e social de uma figura histórica bastante especial, a militante anarquista italiana Luce Fabbri, hoje com 89 anos de idade.

¹ JAQUETTE, Jane S. *The Women 's Movement in Latin America*. San Francisco, Westview Press, 1991, p.

² FARGE, Arlette. Women's History: an Overview. In: MOI, Toril. *French Feminist Thought. A Reader*. Basil Blackwell, 1987; PERROT, Michelle. Em que ponto está a história das mulheres na França? *Revista Brasileira de História*, "Espaço Plural", ANPUH, vol.14, nº 28, São Paulo, Marco Zero, 1994.

³ Para as recentes discussões sobre as possibilidades abertas pela epistemologia feminista, veja-se DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*, CIEC/ECO/UFRJ, vol.2, nº 2, 1994.

Mais do que a importância da trajetória de uma vida de luta pela construção de uma nova ordem social fundada na liberdade e na justiça social, Luce simboliza e resume, na sua idade, a experiência histórica do anarquismo, desde os primeiros anos de sua infância, vividos na Itália, nos inícios do século, num período de intensa agitação política, passando pela violenta perseguição do fascismo, a fuga e o exílio em Montevideú, a ditadura de Terra, a esperança aberta pela Guerra Civil Espanhola nos anos trinta, a ditadura militar da década de setenta, até os dias atuais, em que dirige a revista *Opción Libertária*, órgão do Grupo de Estudio y Acción Libertária.

Clara, segura, delicada e diferente, esta senhora encarna a memória e a história do anarquismo, emergindo como um elo vital de continuidade entre o passado e o presente. Um passado marcado pela aposta radical nas utopias transformadoras, pela emergência dos movimentos políticos liderados por figuras que se tomaram internacionalmente conhecidas e um presente descrente, multifacetado, temeroso dos difíceis, desastrosos e trágicos passos dados no passado. Para além do contato direto com a história do anarquismo em seu tempo histórico forte, conhecer Luce Fabbri significa um poderoso alento para o futuro. Seguramente nos traz uma profunda energia revitalizadora e a certeza das inúmeras possibilidades libertárias abertas pela criatividade humana, fundamental nos instáveis e desesperançados dias de nossa época.

A tradição libertária no Uruguai: *el Uruguay feliz*

Talvez seja um bom começo indagar pelo país que Luce encontrou em seu exílio político junto do pai, fugindo do fascismo italiano. Ou, mais precisamente, por que foi no Uruguai que encontraram receptividade e espaço para desenvolverem suas atividades políticas e culturais? Para

A liberdade entre a utopia e a história...

responder a estas questões, sugiro retomar alguns dados da história do anarquismo na América do Sul, lembrando que desde o final do século passado, as idéias libertárias se difundiram na Argentina, no Uruguai e no Brasil, especialmente entre os setores populares dos centros urbanos. O intenso fluxo da imigração italiana, portuguesa e espanhola, trazendo muitos ativistas anarquistas e socialistas fugitivos de seus países e o processo de industrialização provocaram, sem dúvida, uma movimentação social fortemente marcada pelo anarquismo e pelo socialismo, entre 1890 e 1930.⁴

Desde os últimos anos do século passado e inícios deste, os anarquistas publicaram inúmeros periódicos, como *La Protesta Humana* (depois *La Protesta*), em Buenos Aires, *La Federación de Trabajadores*, *Solidariedad*, *Tribuna Libertária*, em Montevideo, *La Battaglia*, *A Lanterna*, *A Terra Livre* e *A Plebe*, no Brasil e agitaram politicamente lutando pelos direitos dos trabalhadores, das mulheres e das crianças através de greves, paralisações e mobilizações populares, assim como através da criação de centros de cultura, de grupos teatrais, de bibliotecas libertárias e das "escolas modernas" referenciadas pelas idéias pedagógicas de Francisco Ferrer.⁵

Em 1911, uma greve geral liderada pelos anarquistas organizados na FORU, Federación Obrera Regional Uruguayana, fundada em 1905, paralizou a cidade de Montevideo por três dias, pela primeira vez em sua História, levando às ruas cerca de

⁴ Veja-se a respeito RAMA, Carlos. *Historia del movimiento obrero y social latinoamericano*. Buenos Aires, Editora Palestra, 1967.

⁵ Para a história do anarquismo na América Latina ver RAMA, Carlos e CAPPELETTI, Angel J. *El Anarquismo en América Latina*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1990. Para o Brasil, veja-se RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969; DULLES, I. W. Foster. *Anarchists and Communists in Brazil (1910-1935)*. Austin, 1973; FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Industrial no Brasil*. Rio de Janeiro, Difel, 1979; RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 1ª ed.

50.000 a 60.000 trabalhadores. Nas palavras de um jornalista contemporâneo: "todo sinal de atividade desapareceu da cidade como se esta fosse completamente varrida por uma peste - e de fato foi."⁶ Em julho de 1917, as trabalhadoras do Cotonifício Crespi, desencadearam a primeira greve geral da cidade de São Paulo, responsável pela mobilização de aproximadamente 50.000 pessoas e por manifestações que duraram cerca de oito dias, resultando em muitas perseguições, prisões e mortes.⁷ Nestes movimentos, os anarquistas tiveram uma atuação de destaque, tendo um de seus líderes assassinado pelas forças policiais.

Não raro, os anarquistas circulavam entre Brasil, Argentina e Uruguai, escapando de um país para o outro em função das constantes perseguições políticas e da violência policial. Desde 1907, no Brasil, a lei Adolfo Gordo legalizava a deportação dos "indesejáveis", acusados de participarem de uma suposta "conspiração estrangeira".⁸ Nestes casos, os anarquistas procuravam refúgio nos países vizinhos, onde encontravam a solidariedade dos ativistas libertários. Oreste Ristori ilustra, com sua intensa militância política, o nomadismo dos anarquistas na América do Sul.⁹ Após ter emigrado da Itália no final do século, refugiou-se na Argentina, de onde foi deportado. Tentando escapar, pulou do navio em um pequeno barco, quebrando as duas pernas. "Seus poderes de persuasão eram tão grandes", explica Paul Avrich. "que, ao final do tratamento, o médico

⁶ ROSENTHAL, Anton. Streetcar Workers and the Transformation of Montevideo: the General Strike of May 1911. *The Americas*, 51 (4), April 1995, p.471

⁷ Sobre a greve de 1917 em São Paulo, veja-se KHOURY, Yara Aun. *A greve de 1917*. São Paulo, Cortez, 1981.

⁸ Veja-se a respeito MARAM, Sheldom Leslie. *Anarquistas. Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

⁹ Veja-se ROMANI, Carlo. A aventura anarquista de Oreste Ristori. *Revista Brasileira de História*, ANPUH. (no prelo)

A liberdade entre a utopia e a história...

havia-se convertido ao anarquismo.¹⁰ Posteriormente, Ristori dirigiu-se ao Uruguai, e daí para o Brasil, fundando em São Paulo um jornal semanal - *La Battaglia* - que redigia em italiano. Em 1936, após sua segunda expulsão do país, foi lutar na Guerra Civil espanhola. Com a vitória de Franco, Ristori retomou à Itália, lutando com a resistência anti-fascista e após 4 anos de luta, foi capturado e fuzilado pelos alemães, em 1944.

Em relação a outros países da América Latina, onde a questão social era vista como "caso de polícia", segundo a conhecida afirmação de Washington Luís, no Uruguai, os anarquistas e os trabalhadores em geral gozavam de maior grau de liberdade política e haviam adquirido algumas importantes conquistas sociais. Durante a presidência de José Battle y Ordóñez (1903-7 e 1911-15), por exemplo, foi criada uma legislação trabalhista capaz de garantir o direito de greve, as 8 horas de trabalho, salário mínimo e pensão para os idosos.¹¹

Há, também, importantes registros da participação feminina nos movimentos sociais, operários, sindicais e femininos do período, mesmo porque, é bom lembrar, o proletariado era, então, constituído em grande parte por mulheres e crianças.¹² No Brasil, já se tornou bastante conhecido o nome de Maria Lacerda de Moura, militante feminista e anarquista, autora de inúmeros livros, ao lado de muitas militantes anarquistas menos famosas, como Matilde Magrassi, colaboradora dos jornais *Terra Livre* e *O Amigo do Povo*; Isabel Cerruti, colaboradora de *A Plebe*, Josefina Stefani, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Maria de Oliveira, Tibi,

¹⁰ A VRICH, Paul. *Anarchist Portraits*. Princeton University Press, 1988, p.256.

¹¹ Veja-se BETHELL, Leslie. *Urban Labor. Latin America Economy and Society 1870-1930*. Cambridge, Cambridge University Press, p.190.

¹² PENA, Maria Valéria Juno. *Presença das Trabalhadoras na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

ativas militantes do meio operário.¹³ No Uruguai, surgem os nomes de Virginia Bolten, Juana Casas, as irmãs Cossito e especialmente o de Maria Collazo. Nascida em 1884, é conhecida como ativa militante anarquista, oradora em inúmeras movimentações, diretora do jornal *La Battaglia*, entre 1917 e 1924, fundadora da Unión Sindical Uruguaya, em 1921.¹⁴ Juana Buela, nascida em 1889, em Madri, viveu entre Buenos Aires e Montevideú, onde integrou o movimento anarquista e se tornou redatora de jornais operários e feministas. Nas memórias que deixou, ela relembra sua atuação nas campanhas de agitação pela morte de Francisco Ferrer, em 1909, quando "le dijo a la multitud que había un representante de Espana en Uruguay, y que era a él aI que había que pedirle cuentas de Ia vida de Francisco Ferrer".

Após seu discurso inflamado, a multidão avançou contra as forças policiais, resultando muitas mortes e sua condenação como *asonada*¹⁵. É ainda em suas memórias que se encontra evocado o ambiente da boêmia literária anarquista nos começos do século em Montevideú, atestando a constante presença feminina ao lado de inúmeros companheiros. Estamos aqui longe do modelo familiar e materno de feminilidade valorizado pelos médicos, que terá grande difusão nas décadas seguintes:

¹³ Sobre a presença feminina no anarquismo no Brasil, vejam-se: LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. Rio de Janeiro, Ática, 1984; BARROS, Monica Leite. *Mulheres trabalhadoras e o Anarquismo no Brasil*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1978; CORREA, Francisco. *Mulheres Libertárias: um roteiro*. In: PRADO, Antonio Amoni. *Libertários no Brasil. Memória, Luta, Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986. RAGO, Margareth. *A Experiência Feminina do Anarquismo no Brasil*. 1995. (no prelo)

¹⁴ SAPRIZA, O. Graciela. *Memórias de Rebeldia. Sete histórias de vida*. Montevideo, Pintosur, Greemu, 1988.

¹⁵ RAMA Carlos M. *Historia Social dei Pueblo Uruguayo*. Uruguai, Editorial Comunidad deI Sur, 1971, p.111.

A liberdade entre a utopia e a história...

Nos reuníamos a la salida de reuniones y conferencias, en un café de la Plaza Independencia que fue célebre: se llamaba El Polo Bamba. Nos sentábamos en sus mesas gran número de compañeros, y a su alrededor se veían figuras de un gran valor intelectual e ideológico, como Leoncio Lasso de la Vega, Florencio Sanchez, Herrerita, Acha y muchos otros. De allí salían muchas veces manifiestos y artículos para periódicos que se escribían y publicaban en esos momentos, mientras se discutían todos los problemas sociales entre café y café, se aclaraban conceptos y se pasaban momentos de franca camaradería y afecto. En el Centro Internacional se realizaban actos casi diariamente. Este era un gran salón con un escenario adecuado para estos actos y algunas habitaciones que eran destinadas a las secretarías. Se encontraba este salón, al que se llamaba la Casa de los Anarquistas, en pleno centro de la ciudad, esto es, en la calle Río Negro y Maldonado. Por allí desfilaron con sus conferencias, controversias y actividades, todos los anarquistas del Uruguay y de la Argentina, intelectuales o no. La Federación Obrera Regional Uruguaya, que en el año 1909 tenía un movimiento obrero bien organizado, realizaba sus funciones y grandes actos en el Centro Internacional, y allí diariamente nos encontrábamos los obreros, los anarquistas y los intelectuales.¹⁶

¹⁶ BUELA, Juana Rouco. *Historia de un ideal vivido por una mujer*. Buenos Aires, Reconstruir, pp.27-28, citado por RAMA, Carlos y CAPPELLETTI, Angel. Op.cit., p.LXXIV.

Estas informações sugerem, portanto, que Luce Fabbri e seu pai, o líder anarquista, escritor e jornalista Luigi Fabbri (1877-1935) encontraram, em Montevidéu, um ambiente bastante propício para abrigá-los enquanto exilados políticos e enquanto militantes anarquistas fortemente vinculados à figura e às idéias de Malatesta. Lembre-se que este havia vivido na Argentina durante cinco anos, durante os quais organizara politicamente vários grupos de estudo e de agitação, atuara no interior de várias categorias profissionais como os padeiros, sapateiros, mecânicos, estabeleceu ligações com o movimento anarquista espanhol, francês e belga, publicara *La Question Sociale* (1885-1886) em italiano e em espanhol e atuara como ativo propagandista no movimento dos trabalhadores locais, especialmente entre os padeiros. Em janeiro de 1888, por exemplo, ao lado de Ettore Mattei, fundador de um círculo anarquista em Buenos Aires, Malatesta liderou uma greve dos padeiros que durou dez dias e resultou num aumento de 30 por cento dos salários.¹⁷ Enfim, Malatesta conseguiu uma penetração bastante grande nos grupos anarquistas da América do Sul, onde predominou o anarco-sindicalismo, o que evidentemente facilitou a receptividade que Luigi, discípulo e biógrafo de Malatesta, e sua filha Luce tiveram na Argentina, no Uruguai e no Brasil.¹⁸

Em se considerando um período mais recente, é de se notar ainda que, no Uruguai, desenvolveu-se uma das mais importantes experiências comunitárias da história do anarquismo: a Comunidad del Sur. Fundada em 1955, por um grupo de intelectuais ligados à Escuela de Bellas Artes, em

¹⁷ Veja-se PERNICONE, Nunzio. *Italian Anarchism. 1864-1892*. Princeton University Press, 1993, p.244.

¹⁸ Luigi Fabbri publicou inúmeros artigos de Malatesta e dedicou-lhe uma biografia intitulada: *Malatesta: L'Uomo e il Pensiero*. Napoles, R.L., 1951. Em espanhol *Vida y pensamiento de Malatesta*. Barcelona, editorial Tierra y Libertad, 1938.

A liberdade entre a utopia e a história...

Montevideu, sobreviveu ao exílio político de dez anos, entre 1975-85, forçado pela violenta repressão da ditadura militar. Instalando-se na Suécia, os líderes da Comunidad dei Sur publicaram por muitos anos uma prestigiosa revista, de circulação internacional, significativamente chamada *Comunidad*. Retomando em 1986 a esta capital, Rubem Prieto, Silvia Ribeiro e outros integrantes do grupo instalaram-se numa chácara, que pudemos visitar em janeiro de 1995, onde desenvolvem um projeto social auto-gestionário: aí trabalham e vivem em comum, dedicando-se fundamentalmente às questões da militância anarquista e da ecologia social.

Enfim, à diferença de outros países da América Latina, como o Brasil, onde uma cultura autoritária predominou desde os anos trinta com uma violência e um poder de silenciamento indescritíveis, eliminando todas as possibilidades de experiências comunitárias e autogestionárias e mesmo impedindo a preservação de uma memória viva das idéias e práticas operárias e anarquistas, no Uruguai, constituiu-se indiscutivelmente uma tradição libertária forte ao longo da História, que praticamente não teve solução de continuidade.¹⁹ Ao contrário do Brasil, onde o anarquismo foi e continua sendo visto, através das representações construídas pelo discurso comunista, como um exotismo, ou associado à idéia de nostalgia de um passado romântico, no Uruguai, os anarquistas são bastante respeitados, valorizados e têm relativamente um poder de penetração entre os jovens maior do que em outros países.

Assim sendo, se Luce tivesse se exilado no Brasil, muito provavelmente teria restringido progressivamente sua militância política, submergindo diante do peso crescente do autoritário Governo Vargas ou do restritivo e excludente Partido

¹⁹ Sobre o período Vargas, veja-se LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Papyrus, 1986.

Comunista. Ao contrário, no Uruguai, tanto ela quanto o pai encontraram espaço suficiente para desenvolver sua militância política, com todos os conflitos, repressões e torturas que isto implicou. Também não é demais lembrar que, no Brasil, uma história do anarquismo começou a ser produzida, com algumas raríssimas exceções, apenas em meados dos 1970, isto é, num momento marcado pela profunda derrota das organizações políticas de esquerda. Já no Uruguai, ainda hoje, existem várias organizações e grupos anarquistas no país, como a FAU - Federação Anarquista Uruguiaia, atuante nos meios operários e estudantis, ou a própria Comunidad deli Sur, bastante conhecida e respeitada pela população, como pudemos constatar em entrevistas e conversas informais na cidade.

Em suas inúmeras entrevistas, a metáfora que Luce utiliza para referir-se ao país que encontrou é a de "oásis". Não apenas pelo contraste entre a situação política dos países da Europa, no final dos anos vinte e inícios dos trinta, com guerra, fascismo, nazismo, mas pela própria tradição libertária que se constituiu nesse país. "Este parecía ser el país de la eterna primavera", diz ela, procurando explicar historicamente este fenômeno:

El Uruguay, como lo vemos, nace de una confluencia de varias corrientes que tienen en comun la valoración de la persona humana y de su libertad. Fue lo primero que sentí al desembarcar en el puerto, un 18 de mayo de 1929. Esa sensación, que no sentí en Francia ni en la Argentina, se confirmó luego en 64 años de vida uruguaya.²⁰ Entonces, usted no sabe lo que era el Uruguay en ese momento. Aquí se podía llegar, desembarcar, nadie

²⁰ El aire de la libertad. *La Brecha*, 30 de dezembro de 1993.

A liberdade entre a utopia e a história...

preguntaba nada, la gente era acogedora, cordial. Pero, además, un espíritu increíblemente abierto hacia el mundo. Una ausencia total de ese nacionalismo cerrado, mezquino, que era la nota dominante en todas partes, incluso en la Argentina.(...)

Una mentalidad muy particular que constituye, a mi entender, la esencia del Uruguay y que permitió, precisamente, ciertos logros del *battlismo*. El sentido de la libertad y de la dignidad personal, la falta de trabas, el espíritu abierto, la naturalidad de la vida. Cosas que en Europa ya se habían perdido y que le daban a este país una profunda originalidad en el contexto de América. (...)

Un sentimiento de la autonomía de los distintos estamentos de la sociedad que me parece enormemente positivo y que constituye, para mí, la esencia del Uruguay. (...) Y también esa especie de socialdemocracia que fue el *battlismo*. Pero que recoge elementos esenciales que vienen de más atrás, del principio, porque hunden sus raíces en el artiguismo y en su idea de federación con fuerte sentido de autonomía local. Aunque le parezca extraño, yo me entusiasmé con la figura de Artigas leyendo a Mitre. Sin embargo, cada una de las críticas que Mitre formulaba contra Artigas, se tornaban para mí en virtudes de aquel fastidioso insumiso que entorpeció, durante años, las aspiraciones centralistas. Creo que por ahí empecé a entender al Uruguay.²¹

²¹ "Este parecía ser el país de la eterna primavera", entrevista con Luce Fabbri publicada no jornal uruguaio *La Brecha*, 22 de julho de 1988.

Vale ainda observar que Luce é ainda hoje considerada uma intelectual e militante anarquista de grande destaque, aparecendo frequentemente em entrevistas e reportagens publicadas nos jornais de grande circulação no Uruguai e na Argentina. Do mesmo modo, continua escrevendo para estes periódicos, debatendo questões candentes da atualidade, de autogestão à ecologia e políticas públicas, de feminismo à globalização. Atualmente, participa da direção de um jornal alternativo intitulado *Opción Libertária*, assim como da revista *Garibaldi*, dedicada ao tema da imigração italiana, enquanto que, no ano passado, publicou a biografia de seu pai.²² Em 1994, participou do Congresso Internacional Anarquista, realizado em Barcelona, na mesa que significativamente discutia as "Perspectivas para o ano 2000".

Luce Fabbri, una "donna d'oro"

Meu primeiro encontro com Luce Fabbri se deu em São Paulo, em 1992, por ocasião da realização do congresso "Pensamento Libertário Internacional", na PUC/SP, do qual eu participava na mesa-redonda destinada às "Mulheres Anarquistas". Lá, encontrei uma figura histórica viva que evidentemente me surpreendeu muito mais do que todas as apaixonantes personagens da minha documentação. Uma figura histórica viva inesperadamente emergia à minha frente. Iniciamos a gravação em casa de outro anarquista histórico, o professor Maurício Tragtenberg. Três anos depois, encontrava-a em sua casa situada num bairro popular de Montevideo, à rua Jean-Jacques Rousseau, onde pude continuar a série de entrevistas iniciadas no primeiro contato no Brasil.

²² FABBRI Luce. *Luigi Fabbri. Storia d'un uomo libero*. Pisa, Biblioteca Franco Serantini, 1996.

A liberdade entre a utopia e a história...

Na silenciosa biblioteca de sua casa, entre inúmeros livros de Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Malatesta, Maquiavel, Marx e Dante Aligheri, Luce contou-me calma e reflexiva suas experiências políticas, pessoais e emocionais, totalmente marcadas pela forte figura do pai, que dedicou toda sua vida à luta pelos ideais anarquistas e, especialmente, contra o fascismo italiano. Principal discípulo de Errico Malatesta, Luigi teve como horizonte maior de suas preocupações a luta contra as várias formas de manifestação do poder e do autoritarismo e, nesse sentido, podemos imaginar o que significou a emergência do fascismo para sua geração, radicalmente comprometida com o movimento autonomista dos trabalhadores e com a experiência dos conselhos de fábrica, na Itália. Em seu depoimento, Luce afirma que seu pai morreu em 1935, portanto poucos anos antes da emergência da Guerra Civil Espanhola, grande esperança para os anarquistas naqueles anos e nos seguintes e da derrota do nazi-fascismo, acreditando que este duraria ainda pelo menos mais 50 anos.

Embora Luigi Fabbri apareça como um personagem constante e de destaque nos estudos sobre a atuação dos anarquistas na Itália, apenas em 1994, foi publicado um trabalho acadêmico sobre sua obra, intitulado *LUIGI FABBRI. Le Mouvement Anarchiste Italien et la Lutte contre le Fascisme*.²³ Neste, Gaetano Manfredonia apresenta suas principais problematizações e reflexões, assim como seus textos de análise da Revolução Bolchevique, do fascismo italiano e do fenômeno do totalitarismo.

Nascida em Roma, em 1908, Luce chegou ao Uruguai em 1929, aos 21 anos de idade, fugindo juntamente com a família das perseguições políticas de Mussolini. Nossas

²³ MANFREDONIA, Gaetano. Luigi Frabbri. Le Mouvementt Anarchist italien et la Lutte contre le Facisme. Paris, Editions du Monde Libertaire 1994.

conversas começam pela lembrança dos dias longos e solitários passados em Roma, quando seu pai já havia iniciado a fuga e a família se dispersara. Em seguida, recorda-se da fuga pelos Alpes, do passaporte falsificado, do embarque no navio cargueiro que a trouxe para a América do Sul, auxiliada pelos grupos anarquistas dos vários lugares por onde passou.

É marcante em suas lembranças das experiências de infância, decisivas em sua formação pessoal e política, a figura carismática de Malatesta, principal referência e amigo pessoal do pai e responsável pela carinhosa expressão a ela dirigida da *una donna d'oro* -, como afirma Diego Santillán no prefácio ao folhetim *La libertad entre la historia y la utopia*, escrito por Luce. Malatesta frequentava sua casa nesta primeira década do século, quando lhe ensinava muitos jogos e canções. Diz ela:

no recuerdo tanto lo que hacía él cuando iba con mi padre a la ciudad del congreso. Nosotros quedávamos em casa; pero me recuerdo quando (yo) estaba debajo de la mesa (...), indirectamente influyó mucho.

Doutorando-se em Letras pela Universidade de Bolonha, em 1928, Luce foi professora de História no ensino secundário no Uruguai, entre 1933 e 1970, enquanto que de 1949 a 1991, ocupou a Cátedra de Literatura Italiana na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. De 1975 a 1985, porém, foi afastada pela ditadura militar, que ocupou o poder no Uruguai nesta década.

A produção política e intelectual de Luce Fabbri orientou-se para dois eixos privilegiados: de um lado, a crítica ao fascismo e ao totalitarismo, tendo em vista a valorização da liberdade e dos ideais democráticos e a efetivação do projeto anarquista; de outro, a literatura italiana e questões culturais

A liberdade entre a utopia e a história...

afins. Vários de seus livros, folhetos e artigos publicados na imprensa procuram explicar o fenômeno do fascismo, que marcou sua vida com tanta intensidade, como *Camisas Negras*, de 1933, *Los anarquistas y la revolución española*, *El totalitarismo entre dos guerras*, *La libertad entre /a historia y /a utopía*.

Além destes, destacam-se o livro de poesias *I canti dell'attesa*, de 1932, "livro de exílio e desterro", como ela define; uma Antologia de la revolución española, organizado sob pseudônimo de Luz de Alba, de 1937; um estudo sobre Maquiavel, apresentado como prólogo da tradução que fez para o espanhol de *O Príncipe*; um imenso estudo sobre *La poesía de Leopardi*, de 1971; o folheto de 1983 intitulado *E/ anarquismo, más aliá de /a democracia* e, finalmente, em 1994, publica um estudo sobre os cantos de Dante Alighieri.

Dentre os inúmeros folhetos de sua autoria, distinguem-se os relativos a estudos literários, como "Las corrientes de crítica e historiografía literarias en la Italia actual" (1955); "La poesía del 'Paraíso' y la metáfora de la Nave", de 1960; "Alegoría y profecía en Dante" (1962) e os opúsculos políticos, vários dos quais foram publicados pela revista *Studi Sociali*: "La Libertá nelle crisi rivoluzionarie", de 1947; "La Strada", de 1952; "L'Antiimperialismo, l'Anticomunismo e la Pace", de 1949; "El fascismo. Definición e historia"; "Sotto la minaccia totalitaria", de 1962, entre outros.

Ativa militante do movimento anarquista, Luce lutou contra o fascismo italiano e contra a ditadura no Uruguai; escreveu para vários periódicos anarquistas como o *Solidariedad*, de Montevideu, ou *La Protesta*, de Buenos Aires. Atualmente, integra a redação do grupo *Opción Libertária*, de Montevideu. Tem participado de vários encontros libertários, nacionais e internacionais, a exemplo do encontro "Outros 500. Pensamento Libertário Internacional", realizado em agosto de

1992, na PUC, de São Paulo, ou do Congresso Internacional Anarquista, organizado em Barcelona, em 1993.

Luce nasceu e viveu sempre convivendo com a liderança anarquista italiana, espanhola e posteriormente também com a latino-americana, pela própria posição de destaque que seu pai tinha no movimento e que, aos poucos, ela também adquire. Este, após ter participado diretamente do movimento sindicalista de ação direta, na Itália e de ter sido preso por vários anos, foi perseguido pelos fascistas, fugiu para a Bélgica e posteriormente para Buenos Aires, acabando por se instalar em Montevideu, em 1929. Aí fundou o periódico *Studi Sociali*, escrito em italiano, que Luce dirigiu depois de sua morte, em 1934, por um período de aproximadamente dez anos, entre 1935 e 1945.

Sem dúvida, sua formação teórica e política está diretamente ligada à experiência de Luigi Fabbri, considerado um dos mais importantes ativistas anarquistas italianos do começo do século. Fortemente influenciado por Malatesta, Luigi se formou politicamente próximo a geração do dramaturgo, poeta, advogado e criminologista Pietro Gori, responsável pela difusão do anarquismo na América do Norte e do Sul, na década' de 1890.²⁴

Luigi Fabbri escreveu inúmeros textos teóricos e políticos destinados à análise do fenômeno do fascismo e à questão do poder, como o livro *La contre-révolution preventive*, de 1921, em que condena os rumos tomados por Lenin durante a Revolução Bolchevique.²⁵ Dos vários escritos em que se refere a Malatesta, que o chamava de "meu filho", destaco um pequeno trecho em que registra a emoção do primeiro encontro com o grande teórico do anarquismo, quando era bem jovem e quando

²⁴ Sobre o anarquismo na Itália, veja-se PERNICONE, Nunzio. Op.cit., referências a Luigi Fabbri, p.232 e 238.

²⁵ Veja-se MANFREDONIA Gaetano. Op.cit., p.6; GUÉRIN, Daniel. *Anarchism. From Theory to Practice*. New York, Monthly Review Press, 1970, p.113.

A liberdade entre a utopia e a história...

este parecia ter pela sua avaliação aproximadamente 40 anos. Este encontro com Malatesta, refugiado então em Ancona, na Itália, ocorre em 1897 e marca definitivamente a formação política de Luigi. Malatesta se torna para sempre seu grande mentor.

Tuve la sensación de que, en aquellargo colóquio de más de 24 horas, mi cerebro hubiese sido tomado y dado vuelta en la caja craneana. Recuerdo, como si fuese ayer, que sobre muchos argumentos, de los que antes me parecía estar tan seguro discutía, discutía, discutía... (...) La Libertaria, que era la fé radiosa de mi primera juventud, desde entonces ya no fue solamente fé, sino convicción profunda.²⁶

Cette premiere rencontre, écrit-il fut celle qui décide de toutes mes orientations mentales et spirituelles et, je peux dire, de toute ma vie.²⁷

Referindo-se a esta ligação, diz Luce, em suas memórias:

Foi o começo de uma amizade muito grande. Meu pai era muito jovem e disse que Malatesta mudou sua mentalidade, desde aquele dia teve início uma dessas amizades que são em si mesmas uma história interessante.

Os discursos pronunciados por ocasião da morte de Luigi Fabbri, em junho de 1935, em Montevideu e em Buenos Aires, exaltam o símbolo moral e político que ele representou para mais de uma geração e fazem crer que era uma figura

²⁶ *La Protesta*, Buenos Aires, 10. de maio de 1936.

²⁷ GAETANO. Op.cit., p.13.

extremamente prestigiada nos meios revolucionários de então. Para conhecermos um pouco mais do ambiente em que Luce se formou, gostaria de apresentar um trecho de um artigo escrito por Luigi e publicado no jornal *La Protesta*, de 1934, que encontrei no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp. Neste, o líder anarquista expõe suas idéias acerca da "Libertad y Solidariedad" :

Es um trabajo múltiple e multiforme que corresponde al anarquismo, y no bastaria para ejecutarlo una sola corriente, una sola organización, una sola forma de movimiento. Escoja cada uno su próprio campo de acción, el campo más adaptado a su temperamento, a sus tendencias, a sus capacidades y desarrolle allí toda la energía de que es capaz. Pero no caiga en el grave defecto de creer que solo su actividad especial es útil, que solo ella es anarquista o revolucionária. La anarquía, como la revolución, no será la resultante de una sola actividad, sino de todas; no de un solo tipo de organización, sino de los tipos más diversos: sindical e ideológica, permanente y transitória, nacional o internacional y local, para la propaganda y para la acción, pública y clandestina. Y cada forma requiere aptitudes personales diversas y por lo tanto estará compuesta de elementos diversos.²⁸

Toda a experiência vivida por Luce ao longo de sua existência esteve radicalmente impregnada pelo anarquismo, encarnado na figura do pai, o que certamente não é pouca coisa e explica muito do sentido que ela mesma conferiu ao anarquismo

²⁸ *La Protesta*, setembro de 1934.

A liberdade entre a utopia e a história...

e à sua própria vida. A força do movimento anarquista nos lugares e nos períodos em que viveu, especialmente nos anos vinte, seguramente marcaram de modo indelével sua experiência, de tal modo que Luce é impensável sem o anarquismo e com ela é a própria doutrina que se personifica. Lutar contra todas as formas de manifestação do autoritarismo, contra quaisquer relações de poder, contra regimes políticos totalitários, contra o fascismo italiano e a ditadura militar uruguaia, contra os partidos hierárquicos de esquerda ou de direita tomou-se o sentido maior de sua vida, seu grande ideal. Deste ideal origina-se muito da força pessoal que caracteriza a personalidade decidida e positiva de Luce Fabbri, que dificilmente alguém poderia ver como uma mulher vitimizada do Terceiro Mundo, no passado e no presente.

A resistência anarquista ao fascismo no Uruguai

Ao lado de seu pai e mesmo após sua morte, Luce esteve profundamente engajada na luta contra o fascismo, seja o de Mussolini, responsável por seu exílio no Uruguai, seja contra a ditadura de Gabriel Terra (1933-42), neste mesmo país, seja contra o regime franquista, sobretudo por ocasião da derrota dos anarquistas na Guerra Civil Espanhola.

Em primeiro lugar, não é demais lembrar que o anarquismo emerge, no século passado, como uma doutrina e também como um movimento político e social fundamentalmente voltado à crítica do poder e do Estado. Desde suas primeiras formulações, os teóricos do anarquismo acenavam para os perigos do fortalecimento do Estado, condenando radicalmente a teoria liberal burguesa, segundo a qual o Estado aparece como necessidade para a própria sobrevivência da sociedade, tanto quanto a teoria marxista da

ditadura do proletariado.²⁹ Como lembra Luce, em suas entrevistas:

Ya Bakunin había previsto lo que le iba a suceder al marxismo, durante las discusiones que mantuvo con Karl Marx. Él había señalado que la centralización y la politización del socialismo iba a llevar a un mundo burocratizado, centralizado y autoritário. No se puede imponer la justicia social a expensas de la libertad, por el contrario, justicia social y libertad se condicionan mutuamente.³⁰

No entanto, estas constatações não a levam a acreditar na possibilidade da absoluta eliminação do poder:

Yo no pienso que se pueda eliminar el poder, pero pienso que se puede luchar contra él y concebir la vida, sobre todo la vida política, como una lucha contra el poder y no por el poder. Esta es la postura básica de todo anarquismo.

A experiência da ascensão do fascismo na Itália, no começo dos anos vinte, foi vivida de maneira trágica, levando a família e os amigos ao exílio:

Las persecuciones contínuas nos obligaron a salir del país. Huímos cruzando fronteras hacia Francia, con distancia de un año para cada uno de nosotros. Luego de una corta estancia en París, decidimos

²⁹ Para esta discussão, sugiro ANSART, Pierre. *Marx y el anarquismo*. Barcelona, Barral, 1972; ARVON, Henri. *El anarquismo en el siglo XX*. Madrid, Taurus, 1979, entre outros

³⁰ De toda la Vida, entrevista publicada em *CNT*, julio de 1993.

A liberdade entre a utopia e a história...

venir a Uruguay. No teníamos documentos, sólo aquellos certificados que otorgaba el gobierno francés: "Dice llamarse..." Era el año 1929. Mi hermano quedó en Italia, desplegando una actividad opositora. Fue llamado a filas y pudo escaparse de que 10 llevaran a Alemania. Finalmente me reencontré con él después de la guerra, cuando vino a Uruguay.

No Uruguai, a influência política dos fascistas italianos exerceu-se através da ditadura de Gabriel Terra, que pôs fim a muitas das conquistas sociais realizadas desde as primeiras décadas do século. Luigi Fabbri era, então, encarregado da direção da Escuela Italiana, controlada em seguida pelos fascistas através de subsídios. Luigi teve que sair novamente e passou a vender livros. "La persecución dictatorial dispersó el cuerpo de redacción de la revista que sacábamos. Hubo deportaciones a Italia, entrega a las cárceles del fascismo."³¹

Neste país, a luta antifascista foi liderada pelos anarquistas italianos e latino-americanos, entre os quais ganham destaque Luigi e Luce Fabbri. Os imigrantes italianos contrários a Mussolini organizavam vários núcleos, onde discutiam os acontecimentos do dia e as estratégias de atuação. Havia grupos libertários, socialistas e comunistas, sendo que no Círculo Italiano, importante núcleo que conseguiu escapar da influência fascista, estavam os mais velhos, garibaldinos, afirma ela.

La posición antifascista encerraba muchos matices. Me acuerdo cuando, dando clases de italiano en preparatorios (hacia 1940 o 41), me escribieron

³¹ FABBRI, Luce. Con los Pueblos, Contra la Guerra. *La Brecha*, Montevideo, 1 de setembro de 1989.

cosas en el pupitre contra el ejército italiano, por ejemplo que los soldados robaban o eran cobardes, con la idea de fastidiarme. Eran los primeros días de clase, no me conocían. Y entonces yo no tuve más remedio que decirles: "Muchachos, yo vine aquí para buscar libertad y comprensión." Bueno, contentísimos los muchachos. Y al día siguiente me encuentro en el pizarrón: "Viva Italia Libre", "Viva De Gaulle", "Viva Churchill". Me dí cuenta en ese momento que difícil era hacerme entender.

Nosotros tratábamos de lo popular en todas partes, evitar el resultado desastroso, que tiene toda guerra, de envenenar a la gente con el sentimiento nacionalista. Por ejemplo, teníamos que salir a defender al pueblo alemán, que se viera que pueblo y gobierno eran cosas distintas: cuantos alemanes habían muerto, no sólo judíos, en los campos de concentración?

Desde que chegou em 1929, Luce passou a participar de um grupo de mulheres anarquistas, que se reuniam no sindicato dos padeiros, onde aliás tinha aulas de espanhol à noite, juntamente com outros exilados políticos. Procuravam arrecadar fundos para o Comitê dos presos, organizavam *picnics*, faziam volantes. Muitos refugiados políticos chegavam a Montevideú naquela ocasião, deportados de Buenos Aires pelo governo do general José F. Uriburu, que os devolvía à Itália e Espanha.³² Graças ao apoio dos companheiros, podiam ficar naquela cidade, encontrar algum trabalho e escapar dos ditadores.

³² Sobre a luta antifascista na Argentina, veja-se NEWTON, Ronald. Ducini, Prominenti, Antifascisti: Italian Fascism and the Italo-Argentine Collectivity, 1922-1945. *The Americas*, vol.51, n° 1, July 1994, pp.41-66.

A liberdade entre a utopia e a história...

A resistência fascista se manifestava, ainda, através da publicação de artigos de esclarecimento e crítica dos acontecimentos na Itália. Como explica Luce:

Desde 1930 sacábamos una revista - *Studi Sociali* - destinada fundamentalmente a inmigrantes italianos en América, la cual, con alguna interrupción, salió hasta 1946. La redacción, las pruebas de galera, la compaginación, el acarreo de los ejemplares, los paquetes, estaban a mi cargo. Me ayudaban mi compañero y mi madre. La revista se sostenía con la colaboración de los obreros y refugiados de distintas partes de América, especialmente Estados Unidos y Argentina. Hacían picnics, por ejemplo, y enviaban los cheques por tres dólares o cifras así. Hacia 1943 surgió una experiencia muy interesante, de trabajar juntas personas que pertenecíamos a tendencias distintas, socialistas, anarquistas, republicanos. La idea era que en todos los países los refugiados europeos tenían que juntarse con miras a una Europa unida. Lo que queríamos demostrar era que, aún pensando distinto, cuando había una preocupación básica común, se podía lograr una convergencia de esfuerzos. Editamos un periódico - *Socialismo y Libertad* - donde cada uno escribía desde su posición, y nos preocupábamos por presentar la guerra desde el punto de vista de la resistencia, de las corrientes internacionalistas y anticapitalistas dentro de la resistencia.

Ao final da guerra, houve uma euforia ao se pensar que o fascismo estava derrotado, porém, também muita desilusão, pois

sabia-se que Roosevelt ou Churchill não fariam a revolução na Europa.

Luce escreve vários textos, muitas vezes em tom apaixonado e indignado, em que procura explicar o fenômeno do fascismo. Dentre eles, destacam-se: "Fascismo en el Uruguay", , (*Cuadernos de Marcha*); "El Fascismo. Definición y Historia", (Universidad de la República); e o livro *Camisas Negras*, publicado em Buenos Aires, em 1935.

No primeiro destes textos, "Fascismo en el Uruguay", Luce se coloca como uma observadora direta da emergência do fascismo, que "comienza en un salón de la Presidencia del Círculo de los Intereses Industriales y Comerciales, cuyas ventanas daban a la plaza milanesa del Santo Sepulcro, el día 23 de marzo de 1919.":

Asistí a ese nacimiento, y mis pocos años de entonces, que podrían invalidar mi testimonio, estaban compensados por una ubicación excepcional, tanto desde el punto de vista geográfico, como desde el social y el cultural: Boloña, la ciudad donde residía, fue considerada siempre el principal centro de irradiación del fascismo y, si con mi padre frecuentaba a la vez los ambientes relacionados con las tres ramas de la enseñanza, con el periodismo, con los partidos de izquierda y con los sindicatos obreros, por mi condición de estudiante de Gimnasio, tenía contacto con las familias de esa pequeña y media burguesía provinciana, cuyos hijos, junto con elementos obreros desocupados, formarían los primeros contingentes de "camisas negras". Mi material informativo, fijado en mi memoria por un apasionado interés, se renovaba a diario y a diario

A liberdade entre a utopia e a história...

era sometido a un proceso de crítica y discusión a todos los niveles. Sentía alrededor de mí mucho odio y mucho amor; se vivía entre mal entendidos y se buscaba la verdad. La calle, tumultuosa y exasperada; mi casa, cruce sereno (aunque por momentos dolorido o entusiasta) de comentarios encontradas; las casas de mis compañeros de clase, en su mayoría sumidas en un silencio reticente, rencoroso, despreciativo, que de pronto encontró su grito cuando las primeras "expediciones punitivas" esgrimieron puñales y machetes. (p.6)

A partir de uma leitura classista, observa que ao contrário dos intelectuais iludidos com as primeiras manifestações do fascismo, os operários das fábricas e os camponeses entenderam desde o início, embora de maneira elementar e esquemática, o caráter conservador e antisocialista do movimento em curso. Para estes, os "camisas negras" apareceram desde sempre como os principais inimigos das cooperativas, dos sindicatos, das autonomias municipais e do socialismo, em geral. O fascismo surgiu, na verdade, como "uma contrarrevolução preventiva", diz ela, invocando o título do livro escrito por seu pai em 1921. "A la hoz y el martillo opuso el machete y la cavallera, en consciente desafío." (p.10)

A crítica ao fascismo e ao autoritarismo em suas diversas modalidades e nos diferentes momentos históricos em que tem vivido levou-a a ampliar a própria doutrina do anarquismo, tal como havia sido transmitida pelos primeiros teóricos e pelo pai. Assim, é de grande interesse perguntarmos-nos, mesmo que brevemente, pela maneira como Luce pensa o anarquismo na contemporaneidade, principalmente quando, no senso comum, acredita-se que esta doutrina política já não é capaz de reatualizar-se e de propor novas alternativas para o mundo atual.

Luce e o anarquismo contemporâneo

Anarquista socialista, como ela se define, Luce é capaz de propor uma utopia para o século 21, reatualizando à sua maneira o pensamento anarquista no mundo contemporâneo. Num discurso moderno, desconstrói a tradicional identificação entre centro e ordem e entende, esperançosa, que a nova organização social deva construir-se "desde abajo", a partir da livre associação dos indivíduos em cooperativas de produção, de consumo, de habitação, de educação, como tem visto crescer no Uruguai e em muitas partes do mundo ocidental.

El centro crea cierto orden, aparentemente muy sólido y en realidad muy endeble: basta atacar al centro para que el orden se convierta en caos.

Existe otro orden mucho más vital que se crea desde abajo, por asociación, y que subsiste en las otras partes si una parte es dañada. Por las mismas razones es sólo aparente la identificación del orden con el centro y con el poder central.

Este caos prevalece no mundo atual, profundamente hierarquizado e centralizado, onde se assiste a um momento de refluxo, de frustração e descrença, diz ela, em que se proclama a morte das utopias, do "socialismo real" e da própria História. Contudo, continua, o capitalismo não pode ser pensado como uma utopia, já que não surgiu de um programa, mas

de los hechos, aprovechados, sin mucha autoconciencia, por una clase social en ascenso que, para ascender, necesitaba enriquecerse. No tiene otro programa que el de llegar al poder por medio de la riqueza. Por eso puede cambiar de forma y de

A liberdade entre a utopia e a história...

estructura, colarse por las rendijas, acomodarse a los distintos regímenes políticos, proclamar la absoluta libertad de mercado o burocratizarse alrededor de un Estado protector, según los momentos. Su forma actual son las multinacionales, verdaderos estados internacionales invisibles que están tejiendo sus redes sobre el mundo.

Assim, o único limite à exploração capitalista é dado pela resistência dos oprimidos e, portanto, não acredita que o socialismo tenha morrido,

porque la solidaridad es a única respuesta a la crisis y donde ha prevalecido la solidaridad sobre el afán de lucro, siempre han surgido formas de socialismo espontáneo, como antaño en las comunidades cristianas del siglo I de nuestra era. Ha muerto, sí, el socialismo estatal en su doble forma totalitaria y socialdemócrata; ha muerto el de las revistas y de los libros, pues en realidad nunca existió.

Luce considera que o socialismo libertário, federalista, autogestionário possa ser a utopia para o futuro. Apesar das conturbações do "atormentado siglo XX", afirma que é importante valorizarem-se as conquistas democráticas da Revolução Francesa, que no início do século pareciam "puras mentiras" até que o fascismo, o nazismo e o estalinismo revelaram sua importância e que foram condição de possibilidade do surgimento do socialismo.

Gracias a estas pobres libertades "formales" (...) el socialismo creció y echó raíces en el corazón de los pobres y en las expectativas de los sociólogos. Ha

realizado su doble experiencia estatal: la dictatorial y la democrática. En ambas ha fracasado. Pero no ha fracasado en todo lo alternativo que multiplica silenciosamente en la base social.

Portanto, aqueles que estão na luta não abandonaram as soluções baseadas na solidariedade e na ajuda mútua, o que faz com que ainda busquem o socialismo, o qual ainda tem realizações capilares nas colectividades, comunidades, cooperativas e *kibutzim*. Além do mais, os avanços tecnológicos favorecem a descentralização, a iniciativa e criatividade individual e de pequenos grupos, além de maximizar a produção e facilitar a comunicação entre os povos das mais distantes regiões.

La revolución española del 36 nos ha enseñado una cosa importantísima: sólo controla una situación de crisis quien puede asegurar la continuidad de la vida diaria, dominando los resortes del transporte, de la alimentación y, en un segundo momento, de los demás sectores del trabajo productivo.

Desarrollar de antemano ganglios de autogestión en esos resortes - que ignoran los ministros - significa preparar un mundo libertario para mañana.

Las transformaciones que se han producido en las condiciones de convivencia (desde el teléfono, la fotografía, el cine y la aviación de principio de siglo, hasta la radio, la televisión, la astronáutica, las comunicaciones por satélite y, por fin, la informática en nuestros días), tienen todas doble signo. Pueden ser instrumentos de opresión o de liberación, según quiénes y cómo los usen. Lo cierto es que pueden

A liberdade entre a utopia e a história...

aumentar enormemente el radio de acción de la persona individual; se trata, pues, de conquistarlas.

Na entrevista, "Una Mirada Libertaria", afirma:

Hay en la nueva tecnología múltiples factores favorables a la descentralización, a la iniciativa y creatividad individual y de pequeños grupos. Creo que se han hecho prioritarios la lucha antitotalitaria, antimilitarista, ecológica; han perdido importancia la lucha contra ciertas formas burguesas de la democracia (las campanas abstencionistas, por ej.) pues frente a los peligros que nos amenazan, aquéllos han perdido entidad.

Pero siempre contraponemos, a las formas representativas de la democracia, las formas de la democracia directa y federativa y de las delegaciones revocables.

Luce critica a objeção normalmente feita aos anarquistas de que o anarquismo não seria possível no mundo contemporâneo, onde predominam sociedades de massa, extremamente burocratizadas e centralizadas, enquanto este prega a descentralização e a multiplicação de pequenas comunidades capazes de tomarem suas decisões em assembleias plenárias:

Naturalmente, el federalismo es la respuesta a esta objeción. Solo la comunidad pequeña es natural y en su ámbito el individuo se desarrolla libremente. Estas comunidades se pueden articular flexiblemente entre sí en una gran variedad de unidades mayores, según los distintos intereses, hasta llegar a relacionarlas en

escala mundial. La nueva tecnología facilita enormemente estas relaciones, así como posibilita una descentralización . que puede llegar a 10 molecular y al trabajo a domicilio en la producción industrial.

Tal tendencia se está observando ya hoy en el mundo capitalista, que tiende a achicar las empresas y a multiplicarlas, empleando el lenguaje de la horizontalidad.

Valoriza enquanto anarquista as novas modalidades de democracia direta que vem se desenvolvendo no mundo, ademais facilitadas pelo desenvolvimento tecnológico capitalista:

Los medios mal llamados de "comunicación" (digo "mal llamados" porque transmiten mensajes en un único sentido, desde los pocos que así dominan la información, a los muchos que ven y escuchan pero no interrogan ni responden ni emiten mensajes propios), tienen, sin embargo, la posibilidad de desarrollar una tecnología que les permita funcionar en los dos sentidos. Por primera vez se vislumbra la posibilidad de la intervención de un número grande de individuos (todos los directamente interesados) en la toma de decisiones colectivas y en las discusiones previas. (...)

Los mass-media, pues, pueden transformarse - si 10 queremos - en los instrumentos de autodemasificación de la base social (empleo esta horrible palabra, porque es de las que ahorran tiempo). Para eso hay que quebrar los poderosos monopolios que los dominan.

A liberdade entre a utopia e a história...

La autogestión cultural tiene una importancia enorme. Es parte integrante de todo proceso de cambio auténtico, es decir impulsado y vivido por la sociedad entera. No es tarea específica de los gremios de la enseñanza, de la comunicación y del espectáculo, pues, antes de llegar a la autogestión, que, sí, recaería naturalmente en ellos, hay que llevar a cabo la lucha contra el monopolio estatal capitalista. Y esta lucha es de todos, pues se trata de la conquista popular de la voz, que es el punto de partida de la socialización del poder.

Para ela, estamos atravessando "un período opaco de estancamiento" que, no entanto, não pode nos impedir de estudar e de "crear espacios fuera de los moldes del sistema, para aprovechar, en beneficio de todos, la técnica ahora monopolizada por los poderosos. Daí a necessidade, na América Latina, de preservarmos

Las autonomías universitarias, para las que tanto han luchado en nuestro países, a partir del movimiento de Córdoba de 1918, el estudiantado y gran parte del profesorado. Conquistar la autonomía de la investigación científica y tecnológica es primordial. El socialismo libertario es acaso la única utopía que no ha sido derrotada, en terreno teórico, por los acontecimientos. En la práctica, en lo concreto del acontecer diario, el proyecto libertario está acostumbrado a las derrotas. Los demás proyectos están planeados para su realización desde posiciones de gobierno y los respectivos partidos consideran como victoria la conquista del poder. Claro que se trata, cada vez, de

la victoria del partido y no del proyecto, que nunca se realiza. La historia del último siglo es bastante ilustrativa al respecto. (...)

La creación de una red de organismos autogestionarios y una obra de capacitación capilar, técnica e ideológica, constituirán -creo- el núcleo de la militancia futura.

La técnica está creando las condiciones de la abundancia. El capitalismo, al usarla con fines de acaparamiento en beneficio de pocos privilegiados, nos está preparando un porvenir sombrío, de desocupación de grandes masas, que el aparato productivo ya no requiere, de catástrofes ecológicas, de luchas feroces por el mendrugo, de las que los fenómenos de xenofobia que enlutan en este momento Europa no son más que un anuncio.

El siglo XXI no va a ser fácil. Desde estos últimos años del milenio, los que no hemos perdido la fé en la solidaridad le lanzamos este mensaje de socialismo en la libertad, que viene de una experiencia muy amarga y muy larga, pero que dá frutos de serenidad interior y de esperanza, la esperanza que se necesita para afrontar los desafíos que se acercan.³³

Finalmente, Luce procura reatualizar o anarquismo em relação às questões colocadas pelo feminismo contemporâneo. Embora tradicional e historicamente os anarquistas tenham se preocupado com a emancipação feminina e discutido temas como o casamento, amor livre, divórcio, prostituição e aborto,

³³ Palestra proferida na Exposición Internacional Anarquista de Barcelona, 27.9.1993-10.10.1993.

A liberdade entre a utopia e a história...

de modo geral subordinaram a questão sexual à questão social, assumindo que a resolução desta última implicaria a resolução da primeira. E, embora não se considera uma feminista propriamente dita, não deixa de ser sensível às questões colocadas por este movimento. Assim, é possível observar em seu pensamento uma flexibilização em relação ao feminismo e às relações de gênero. .

Num artigo publicado no jornal *Arista*, de Rosário, em 5 de março de 1933, em que debatia o "Feminismo", ela reconhecia o valor da conquista do direito de voto pelas mulheres apenas enquanto este lhe era negado enquanto direito, e não por acreditar em sua eficácia política mais geral. Sustentava, então, que as mulheres seriam capazes de trazer muitas contribuições ao mundo masculino objetivo, em termos muito semelhantes aos defendidos pelo filósofo alemão Georg Simmel, em 1902.³⁴ Segundo Luce,

La mujer, por las condiciones de sua existencia, está general mente más que el hombre en contacto con la realidad concreta, no solo porque está más cerca de las fuentes de la vida, sino también porque generalmente es ella la que administra el hogar, la que se encarga de las pequeñas cosas, de los detalles más humildes y más indispensables.

Contudo, vindo de uma tradição anarco-sindicalista, militando todo o tempo nos meios operários, ao lado de companheiros dedicados, os conflitos entre as classes e a luta ideológica contra a ditadura assumiram uma primazia em relação às questões do feminismo. Apenas mais recentemente,

³⁴ Veja-se SIMMEL, Georg. *Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993; LE RIDER, Jacques. *Identidade sexual na Modernidade vienense*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

Luce reconsidera estas posições, procurando alargar o anarquismo enquanto uma doutrina capaz de incorporar as demandas feministas. Em seus diversos artigos e entrevistas mais recentes, Luce passa a valorizar de forma mais efetiva a cultura feminina, muito embora em nenhum momento refira-se a conflitos nas relações de gênero entre os anarquistas. Muito pelo contrário, afirma que suas constatações sobre o machismo, por exemplo, foram pautadas muito mais pelo que assistiu fora dos meios anarquistas do que dentro. Evidentemente, muito de suas opiniões se baseiam em sua experiência pessoal, marcada por um casamento feliz, com a vida ao lado de um companheiro anarquista, que a respeitava enquanto líder, assumindo as tarefas domésticas para que ela tivesse tempo livre para dedicar-se à militância política.

Luce acredita que as mulheres têm algo de especial, de pessoal que ainda não foi plenamente incorporado pela cultura ocidental, pois não administraram o mundo público, nem planejaram as guerras. Mais ligadas à vida e às questões da sobrevivência, as mulheres desenvolveram uma experiência pessoal extremamente importante, como vem sendo observado e enfatizado pelo "feminismo da diferença".

Las mujeres tienen algo de suyo para aportar, algo de género, una experiencia única de una economía no competitiva : La economía doméstica, en que los niños tienen precedencia, en que los viejos están asistidos porque son viejos, en que cada cual aporta lo que puede y consume lo que necesita, esto es la economía doméstica.

En los últimos tiempos he pensado que vale la pena ocuparse con el problema de la mujer, sobretudo en ese sentido. Ha habido una revolución, . una integración maciza. Si la mujer aportara (al mundo

A liberdade entre a utopia e a história...

público), pues tuvo la suerte de no haber sido con soldado, ministro o presidente, con algunas excepciones.

Conclusão

Vários dos estudos dedicados ao anarquismo não apenas privilegiaram a atuação masculina, como centraram-se nos períodos em que o movimento anarquista teve seu maior impacto político e ideológico, ou seja, nas primeiras décadas deste século, na América do Sul e nos Estados Unidos, e nos anos da Guerra Civil Espanhola. Disso resulta que muitas experiências históricas foram deixadas de lado, especialmente as femininas e as que se desenvolveram em períodos mais recentes. A historiografia dos movimentos sociais esteve, ainda, mais voltada para os momentos de maior visibilidade da luta operária, como as grandes greves e manifestações, do que para outros aspectos do cotidiano da vida social e política. Trazer à luz a experiência da anarquista histórica Luce Fabbri tem como objetivo romper este silêncio e, ademais, alterar a própria imagem que se construiu historicamente em torno do anarquismo e do lugar político ocupado pelas mulheres na América Latina.

Luce refugiou-se no Uruguai, juntamente com o pai e a família, fugindo das perseguições do fascismo italiano. Tanto neste país quanto na Argentina, encontrou grande receptividade entre os vários grupos anarquistas e socialistas existentes, para além dos imigrantes italianos, com os quais pode desenvolver inúmeras atividades e continuar lutando ativamente contra as violentas formas de manifestação do fascismo e do autoritarismo em geral, no âmbito público e privado.

Assim, desenvolveu suas reflexões em inúmeros livros, artigos e folhetins publicados ao longo de sua vida, a partir de

dois direcionamentos privilegiados: os estudos teóricos e políticos e os trabalhos de crítica literária. Atuou, portanto, não apenas enquanto militante anarquista extremamente fiel aos princípios do anarquismo, mas como professora no ensino secundário e superior profundamente engajada nas questões educacionais.

Para além da militante anarquista, radicalmente comprometida com as questões de seu tempo, vale dizer, de nosso tempo, ela aparece como uma livre-pensadora capaz de tecer reflexões criativas e sofisticadas, alargando as problematizações do pensamento libertário, sobretudo na medida em que integra as demandas contemporâneas do feminismo e que se abre para pensar os difíceis temas referentes à massificação e à globalização, ou à perda da esfera pública. Desconstrói por si só as tradicionais imagens que reifica(ra)m as experiências de sua geração, ou que as fazem esquecidas no baú da História. Além do mais, num momento de profunda descrença em relação à sobrevivência do mundo público e dos princípios que fundam a sociabilidade e a interação social no mundo contemporâneo, Luce emerge como uma luz muito poderosa, indicando que o anarquismo enquanto proposta de construção da solidariedade, da justiça social e da liberdade é uma alternativa possível, por mais que as experiências históricas conhecidas tenham demonstrado imensas dificuldades de sua realização.

Muito recentemente, um jovem militante uruguaio disse-me, referindo-se a Luce Fabbri com grande admiração, que a diferença entre os intelectuais e os sábios era que os segundos sempre sabiam o que fazer corria toda a erudição e conhecimento que haviam acumulado e que Luce certamente se encontrava no segundo grupo. Sorri contente com este discernimento.

A liberdade entre a utopia e a história...



O jornal anarquista *Ação Direta*, dirigido por José Oiticica e publicado no Rio de Janeiro, noticia, em 7-5-1 1946, a vinda de Luce Fabbri ao Brasil: "A conhecida anarquista italiana Luce Fabbri, atualmente fixada no Uruguai e editora do *Studi Sociali*, esteve no Rio e, de passagem, em São Paulo. Infelizmente seu estado de saúde obrigou-a a afastar-se do Rio e pouco esteve no nosso convívio. A fotografia acima nos mostra a querida Luce ao lado de Edgard Leuenroth (...) Luce a todos encantou com sua sensibilidade feminina e admirou com seu pasmoso conhecimento dos problemas anárquicos em todo o mundo."

Margareth Rago

**LEEWAY BETWEEN UTOPIA AND HISTORY:
LUCE FABBRI AND ANARCHISM IN SOUTH AMERICA**

Abstract

This article focuses on some aspects of the political culture of anarchism in Argentina and Uruguay, revealed by the memories of an elderly Italian anarchist militant, Luce Fabbri, who has lived in Uruguay since 1929. In following the path of her life and getting to know her political thought, my purpose is to reconstruct the feminine experience of Anarchism and to understand the different ways in which this political doctrine has been updated in order to cope with contemporary issues.